

Rio Tinto vai aumentar investimentos em minério de ferro na África e Austrália **B9**

Exportação de madeira brasileira caiu 50% nos últimos três anos **B12**

'À mesa com o Valor' desvenda Patrícia Melo **EU & Fim de Semana**



Valor

ECONÔMICO

A N O S

Destaques

Acordo na Telecom Argentina

A Telecom Italia vai aumentar sua participação na Telecom Argentina como parte de um acordo para encerrar dois anos de litígios com o governo argentino e a família Wertheim, sua sócia na companhia. **B3**

Anac pune a Webjet

Após multar a Gol em R\$ 2 milhões pelos atrasos dos últimos dias, a Agência Nacional de Aviação Civil (Anac) multou a Webjet em R\$ 600 mil por excesso de jornada de trabalho de seus tripulantes. **B4**

Treinamento de mão de obra

O aumento das operações de fusões e aquisições, a falta de mão de obra especializada e o crescimento da economia ampliam os negócios no mercado de educação corporativa. **B4**

Expansão do luxo



Investidores levam calote de R\$ 800 milhões em fundo

Carolina Mandl
De São Paulo

Um grupo de 17 investidores, quase todos "hedge funds" estrangeiros e um fundo de pensão brasileiro, perdeu boa parte de um total de R\$ 800 milhões que aplicaram em um fundo de direitos creditórios, o Union National Financeiros e Mercantis. Os cotistas descobriram que o dinheiro investido em uma carteira com histórico de baixo nível de inadimplência tinha virado pó em setembro de 2009 — 96,2% dos créditos estavam atrasados. O fundo entrou em liquidação e tenta agora recuperar os créditos, mas as previsões mais otimistas não ultrapassam o ressarcimento de 40% do valor investido. A Union National, que criou o fundo, é uma empresa de factoring fundada em 1995. Além de idealizadora, ela era a cedente, a consultora de créditos e o agente de cobrança do Union.

Os sócios da Union, Maurice Kattan e

André Kamkhaji, decidiram em 2006 replicar a operação da factoring em um fundo de direitos creditórios, permitindo que investidores participassem da atividade. Era uma forma de crescer sem ter de adicionar recursos próprios. O ganho da Union viria da prestação de serviço como consultoria de crédito, já que selecionava os papéis comprados pelo fundo, recebendo por isso cerca de 0,5% do patrimônio líquido ao ano.

Em fevereiro de 2006, a factoring, que girava cerca de R\$ 70 milhões em operações de fomento, criou um fundo que começou com R\$ 50 milhões, e parte dos créditos da própria Union migraria para a nova estrutura. Com a ajuda da distribuidora BCP Securities, o fundo captou recursos no exterior por meio de emissões de cotas entre setembro de 2006 e setembro de 2008, atingindo patrimônio de cerca de R\$ 800 milhões, mais de dez vezes o porte da Union. Nesse período o fundo pagou aos cotistas rentabili-

dade equivalente a cerca de 140% do Certificado de Depósito Interfinanceiro.

Investidores consultados pelo Valor chamam a atenção para o fato de repentinamente a carteira ter se deteriorado. De março a setembro de 2009, a classificação de risco passou de "A+" para "CCC", segundo a agência Austin Ratings. O volume de créditos vencidos saiu de 13% para 96,2%. Segundo a Austin, o prazo de vencimento dos créditos da carteira foi se esticando. De uma média histórica de 90 dias, o fundo passou a 185 dias em meados de 2009. "Esse sempre é um indicador de postergação de problemas. Estica-se o prazo para ver se a empresa consegue quitar a dívida", explica Mauricio Bassi, da Austin.

Procurado pelo Valor, Kattan enviou e-mail afirmando que o FIDC está em fase de renegociação dos créditos. "Já tem uma grande parte dos devedores renegociados, e o resto em processos judiciais", escreveu. **Página C1**

Multinacionais buscam BNDES para investir

Claudia Safatle
De Brasília

A queda dos investimentos externos diretos (IED) nos últimos meses deve ser da substancial redução na demanda de créditos externos por parte das companhias estrangeiras para aplicação no país. As informações que o governo são de que várias multinacionais, que normalmente buscam recursos no mercado internacional para financiar novos investimentos, preferem agora preferindo se financiar pelo BNDES. Enquanto o crédito no exterior continua caro e escasso, no Brasil a oferta é abundante e o custo mais baixo. Consultado, o banco não comentou se há esse movimento. No primeiro semestre, os investimentos totalaram US\$ 12,05 bilhões, deixando bastante as primeiras projeções do Banco Central, que baixou suas expectativas de US\$ 45 bilhões para US\$ 38 bilhões. **Página C1**

quase 330 mil posições foram preenchidas por brasileiros com no máximo o ensino fundamental completo, superando as demissões dos 12 meses anteriores. Trabalhadores com esse perfil responderam por uma participação de 15% no saldo líquido de

mercado de trabalho brasileiro, estimulado por um crescimento econômico que poderá chegar a 7% este ano, segundo projeções do mercado financeiro e do próprio Banco Central. Também existe uma reposição natural dos cortes ocorridos durante a crise.

cado está chamando, e as pessoas estão deixando de concluir os estudos para ir trabalhar. Por outro lado, tem muita gente aderindo a cursos técnicos", afirma. Segundo ele, a taxa de conclusão de programas profissionalizantes entre brasileiros em idade ativa cresceu

Fonte: Sistema de Acompanhamento Estatístico-gerencial do Seguro-Desemprego/Consulta Perfil Caged Trabalhador - Ministério do Trabalho

75% nos últimos seis anos.

Neri também chama atenção para um ponto que considera muito importante: o desinteresse dos jovens pela escola e a con-

sequente falta de consciência de que, quanto maior a escolaridade, maiores as chances de conseguir um emprego e ter um salário maior. "Estudos mostram que

a renda de uma pessoa com R\$ 700 para R\$ 1.700 só de concluir o ensino médio. Pouco? Sim, mas é muito mais do que R\$ 700", aponta



Jaciara de Souza, 26 anos, e primeiro emprego no mercado formal: "Em um curso de informática de graça aprendi a usar computador e fazer meu currículo."

Após 5 anos, um registro na carteira

De São Paulo

Faz oito anos que Jaciara Gomes de Souza, de 26 anos, não frequenta a escola. Terminou a 8ª série atrasada, aos 18 anos, ainda quando estava em Vitória da Conquista, no centro-sul da Bahia. Na sua cidade natal sempre foi babá e empregada doméstica. Em São Paulo há cinco anos, ela só conseguiu trabalhar como diarista, na informalidade. Mas sempre teve vontade de trabalhar com carteira assinada. "É a coisa mais correta, tem benefícios, segurança", explica.

No começo deste ano, Jaciara ficou desempregada e conheceu a realidade do mercado de trabalho

meses de procura e Jaciara começou a trabalhar no mês passado como auxiliar de limpeza em uma produtora de vídeos na zona sul da cidade. Agora que está com a carteira assinada, ela deixa a timidez de lado ao falar dos próximos passos. "Gosto de arte, é um sonho. Também gosto da área de atendimento, caixa", revela a trabalhadora. A baiana de Vitória da Conquista, que é casada e tem uma filha de quase dois anos, só não conhece muito bem os caminhos para realizar seus sonhos. Ela sabe que precisa de "mais estudo" para crescer profissionalmente, mas não tem perspectivas de voltar à escola tão cedo, ainda mais depois que não

gar. Nem sabia que tinha um Telecentro da prefeitura perto de casa, onde o curso de informática me ajudou bastante."

Já a paulistana Bruna Oliveira, também de 26 anos, tem muito claro aonde quer chegar na carreira: dentro de seis, sete anos quer se tornar mestre de obra e ganhar um salário de mais de R\$ 10 mil. E para chegar ao seu objetivo ela concilia teoria e prática, com mais foco no trabalho duro. "Dizem que é audácia, mas é meu sonho de criança. Sei que ainda tenho que entregar muitas obras para adquirir bagagem", enfatiza.

A receita é levada a cabo dia a dia. Atualmente, Bruna é encarregada

O ritmo puxado às vezes obriga Bruna a faltar à aula à noite, onde frequenta o segundo ano do curso técnico de edificações. Já participou também de programas de curta duração do Senai e outros oferecidos pela Serpal. "É importante continuar fazendo essas atualizações para atingir minha meta, mas não penso em entrar na faculdade, não me interessa ser engenheira."

De acordo com especialistas do mercado da construção, hoje um mestre de obra com boa experiência chega a ganhar mais que um engenheiro em início de carreira. Consciente de que ainda falta muito para atingir esse nível, Bruna se mostra satisfeita.

Políticas públicas precisam ser interligadas, avalia IPEA

De São Paulo

Uma das soluções para aumentar a presença de mão de obra com maior escolaridade e melhor qualificação no mercado de trabalho brasileiro é articular as atuais políticas de colocação, qualificação e proteção do trabalhador, opina o presidente do Instituto de Economia Aplicada (Ipea), Marcio Pochmann. Economista especializado em relações do trabalho, ele afirma que o Brasil carece de um sistema público de emprego, capaz de oferecer, de forma integrada, benefícios e renda a desempregados, intermediação de vagas e incentivos à formação e qualificação de trabalhadores.

"Já temos isso, mas não há conversa entre os mecanismos", diz Pochmann, referindo-se ao Sistema Nacional de Emprego (Sine), coordenado pelo Ministério do Trabalho e que abrange o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) — que destina verbas para qualificação profissional —, o seguro-desemprego e uma rede de atendimento de recolocação e formação.

"Mas se estou desempregado, e vou à Caixa Econômica Federal ver se tenho direito ao seguro-desemprego, não encontro informações sobre vagas ou sobre possibilidades de qualificação e formação. Se tivéssemos um mecanismo integrado, ali mesmo na Caixa eu poderia ser encaminhado para um curso ou uma vaga. Poderia conseguir outro emprego e poupar recursos", afirma Pochmann.

trabalhador possui. Há um equilíbrio que poderia ser alcançado por cursos de formação e melhoria da informação.

Dados de 2008 (os mais recentes) mostram que o programa de intermediação de mão de obra do governo federal encaminhou 5,5 milhões de inscrições para 5,5 milhões de vagas, mas pouco mais de 1 milhão delas foram preenchidas. Segundo Pochmann, a organização do Sine deve ser dada à construção de um sistema nacional de formação e qualificação e à adoção de indicadores de emprego e renda.

"Para que a força de trabalho seja formada em acordo com o emprego disponível, e não de ontem", por isso, diz Pochmann, é preciso que as micro e pequenas empresas sejam o foco das ações de qualificação e formação de mão de obra.

Com o projeto Capital Humano, a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) quer mapear a demanda de mão de obra e qualificação para o setor de mais de 20 setores da indústria paulista, em parceria com o Senai e outras instituições de ensino técnico, como o Instituto Federal de São Paulo (IFSP) e a Universidade Paulista (Unipar). **Segundo Cristiane M.**